

**UFRGS – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA-LICENCIATURA**  
Modalidade a Distância

**O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO  
CONHECIMENTO NA ESCOLA**

TÂNIA MARIA CAVALHEIRO DUTRA

PORTO ALEGRE, 2010.  
2. SEMESTRE  
2010

TÂNIA MARIA CAVALHEIRO DUTRA

## **O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
Apresentado à Comissão de Graduação do  
Curso de Pedagogia/Licenciatura, Modalidade  
a distância da Faculdade de Educação da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
(UFRGS), como requisito parcial e obrigatório  
para obtenção do título de Licenciatura em  
Pedagogia.

Orientador: Dr. Leonardo Sartori Porto

Co-Orientadora: Dra. Jaqueline Santos Picetti

PORTO ALEGRE, 2010  
2. SEMESTRE  
2010

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema central o papel do professor no processo de construção do conhecimento na escola. Investiga dentro da história da educação a origem e competências do professor, suas primeiras atribuições e avanços no transcorrer da história. Busca relacionar, através do estudo da história da educação, o comportamento e postura de alguns de nossos educadores, fatores que podem dificultar a conquista de mudanças significativas na educação e fundamentalmente o quanto a postura do educador em sala de aula, sua relação com o educando pode influenciar no processo de construção do conhecimento. Esse trabalho fundamenta-se em Freire, Gadotti, Libâneo, Piaget, Zagury, entre outros autores que compartilham das mesmas ideias. A pesquisa apoiou-se em dados observados e coletados no transcorrer do estágio realizado para a conclusão do curso de Graduação de Pedagogia-Licenciatura Modalidade a Distância na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O estágio foi realizado em uma escola municipal de Ensino Fundamental da cidade Portão, com uma turma do terceiro ano. A partir dos dados coletados e da análise dos teórica dos mesmos, concluí que mais que qualquer outra pessoa envolvida no processo de aprendizagem, e independente de nossa vontade, o professor exerce papel fundamental no processo de construção do conhecimento na escola.

**Palavras-chave:** Educação. Relação professor-aluno. Papel do Professor.. Transformação. Construção do conhecimento na escola.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>05</b>
<b>1. A FUNÇÃO DO PROFESSOR.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 A Função do professor dentro da história da educação.....</b>	<b>12</b>
<b>2. PROPOSTA DE EDUCAÇÃO NA ATUALIDADE.....</b>	<b>15</b>
<b>3. RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA.....</b>	<b>18</b>
<b>4. O INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DE REFLEXÕES FINAIS.....</b>	<b>28</b>
<b>4.1 O aluno em busca de uma aprendizagem significativa: Um desafio para a elaboração do papel do professor.....</b>	<b>28</b>
<b>4.2 O papel do professor para uma aprendizagem significativa.....</b>	<b>30</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

Sou professora do Ensino Fundamental Séries Iniciais e há mais de 15 anos trabalho na rede municipal da cidade de Portão. Minha opção pela carreira do magistério não aconteceu na adolescência, mas quando comecei acompanhar a vida escolar de meu primeiro filho. Trabalhando na área de Contabilidade, minha primeira opção profissional, dividia meu tempo entre o trabalho e as atividades relacionadas à escola, reuniões, CPM (Circulo de Pais e Mestres), trabalho voluntário, entre outras. Convivendo com o ambiente escolar, senti o desejo de fazer parte desse grupo de pessoas, que de uma forma encantadora tinham o poder de influenciar na educação de meu filho. Observava diariamente seu carinho pela professora, prazer em ir para a escola, suas mudanças de hábitos e postura pessoal.

Decidi então cursar o magistério. Como já tinha Ensino Superior, era necessária somente uma complementação nos estudos, cursando as disciplinas de Didática.

O termo “didática” é conhecido desde a Grécia antiga e lá significava ensinar, instruir, fazer aprender”. CÔMENIO em 1633, educador tcheco, definiu Didática como sendo “a arte de ensinar tudo a todos”. O dicionário Aurélio (1993) apresenta o verbete “didática” como a técnica de dirigir e orientar a aprendizagem. No entanto entendo Didática dentro do conceito de CANDAU, (1984, p.12), educadora da PUC do Rio de Janeiro, que “(...) é uma reflexão sistemática e busca de alternativas para os problemas da prática pedagógica (...)”, ou seja, nos leva a reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem que acontece na escola e na sala de aula.

Cursando então as disciplinas de Didática, tive a oportunidade de estudar teorias de ensino e aprendizagem aplicadas ao processo educativo que se realiza na escola, bem como os resultados obtidos. Fiz o estágio e em menos de dois anos já estava em sala de aula, como professora.

Estágio este que hoje retomo durante minhas reflexões, para comparar ao estágio realizado este ano para a conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia-Licenciatura Modalidade a Distância<sup>1</sup> na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

---

<sup>1</sup> PEAD – Programa de Educação a Distância. Inserido no Programa Pró-Licenciatura e foi criado a partir de um consórcio FAGED/UFRGS e a CCE/UFSC para graduar 400 professores em serviço. O curso foi desenvolvido

Durante a realização do estágio, para conclusão do curso do magistério, as preocupações e observações estavam voltadas para meu desempenho como aluna, sem a possibilidade de avaliar o resultado da minha prática, isto é, o que ficou de significativo para os alunos, o que foi construído a partir dessa relação. Acompanhei os alunos por um curto espaço de tempo e o estágio foi concluído antes do final do ano letivo. Devo confessar que apesar de todas as leituras, estudos e construções sobre o desenvolvimento da aprendizagem dos educandos, ainda não havia os conhecimentos necessários para a observação desse processo.

Freire (1997) nos fala sobre a importância da valorização da bagagem de conhecimentos que o aluno traz consigo quando chega na escola. Essa ideia se encaixa dentro de minhas construções como estudante e na realização agora do estágio para a conclusão do curso de graduação, pois no transcorrer do curso, novos conhecimentos foram sendo construídos, complementando minha prática. Oportunizando momentos de reflexão, comparação e reestruturação da bagagem de conhecimentos construídos durante anos de efetivo exercício no magistério.

Concursada, com uma carga horária de quarenta horas semanais, trabalho em duas escolas municipais de Ensino Fundamental. Para a realização do estágio do PEAD/UFRGS, optei por uma escola da zona rural, com cento e cinquenta e dois alunos, distribuídos entre 1º, 2º, 3º e 4º anos, 5ª a 8ª série. A escola está se adequando ao ensino de nove anos, e dei início a um trabalho com o 3º ano. A turma que atuo como educadora e que realizei meu estágio é calma, porém bem diversificada em níveis de aprendizagem e realidade sócio-econômica.

A turma é composta por quinze alunos, dez meninas e cinco meninos. Estando a escola localizada na zona rural, uma das dificuldades encontradas é o difícil acesso tanto para os alunos como para seus familiares. A grande maioria depende do transporte coletivo, duas vezes ao dia, manhã e noite. Os alunos fazem uso do transporte escolar que faz parada em pontos determinados nas localidades, o que leva alguns alunos a se deslocarem cerca de dois quilômetros a pé para pegar o ônibus. Chegam à escola, cansados e, muitas vezes, com fome.

Em sua maioria demonstram dificuldade em se concentrar durante a realização das atividades. Eles têm pouco acesso a informativos ou materiais como

---

com uma abordagem interacionista baseada no uso de arquiteturas pedagógicas abertas e articuladas, apoiadas na utilização intensiva de recursos na Web. A preparação de professores e tutores para este curso tem se dado de forma continuada, desde 2006 e se estendendo por todos os semestres letivos.

jornais, revistas ou mesmo televisão, assim como a atividades sociais ou culturais, devido a localização de suas residências. Em suas localidades não tem praças, quadra esportiva ou qualquer outro ambiente destinado à recreação. O contato com seu material escolar, segundo os próprios alunos, é feito somente durante o período que se encontram na escola, fora disso passam envolvidos com afazeres domésticos, roça ou outra atividade relacionada ao trabalho realizado pela família. O que em meu entendimento justifica em parte a grande dificuldade que apresentam na leitura, escrita, interpretação e compreensão de qualquer assunto a ser discutido.

Dos quinze alunos, sete tem acompanhamento de especialistas da área da saúde e tomam algum tipo de medicamento, para tratamento nas áreas psicológicas e ou neurológicas.

A família tem pouco acesso à escola, devido a distância, e pelo envolvimento direto com a economia local. A maioria depende do plantio e corte da Acácia Negra. Homens, mulheres e crianças trabalham nos matos, não tem carteira assinada, e recebem por semana ou produção. O que os leva a dedicação de tempo integral ao trabalho, já que deste depende a subsistência familiar. Os que não estão envolvidos com a produção da Acácia, o estão com o plantio de flores ou produção de carvão.

Todos profissionais dignos, e que merecem respeito, porém pessoas com baixa escolaridade que exercem funções ainda muito exploradas por alguns empresários e com baixa remuneração salarial. Levando alguns a evitarem o convívio social, a frequência na escola, pela humildade ou pelo sentimento de vergonha, de suas roupas, da fala entre outros.

Sendo essa uma escola maior, passei a conviver com um número maior de colegas professores, equipe administrativa e comunidade escolar, famílias, realidade diversa da que já conhecia. Um diferencial do estágio do magistério.

Agora, acompanhada de uma bagagem de conhecimentos adquiridos no transcorrer de minha prática como professora e as construções realizadas durante o curso de graduação, sabia que todo processo aconteceria de forma bem diferenciada.

No primeiro dia de aula, já pertencente ao estágio, conversei com a turma, expliquei que como estudante estava entrando no período de estágio para conclusão de um curso e que gostaria da colaboração de todos, já que passaria a fotografar algumas atividades e ou guardar alguns trabalhos para posterior avaliação. Nesse momento um aluno me surpreendeu com um comentário:

- *Que bom sora! Agora a senhora vai ver como é ser aluna<sup>2</sup>.*

Diante desse comentário, dei sequência à conversa, questionando se era tão ruim assim ser aluno. A resposta foi imediata:

- *Claro sora. A gente não pode fazer nada.*

Como estávamos desenvolvendo o tema<sup>3</sup> “escola”, solicitei que elaborassem um pequeno texto, falando sobre o que a escola representava em suas vidas: o que vinham fazer na escola e no que a vida de estudante lhe seria útil, buscando dar continuidade ao assunto em questão, sondar o que realmente estavam pensando sobre a escola.

O momento da leitura dos textos produzidos foi um dos momentos mais frustrantes de minha vida profissional. Entre suas colocações o que mais encontrei foi:

- *A escola serve para aprender a ler e escrever.*

- *A escola é para ficar quieto, aprender a obedecer, não correr, não gritar...*

- *A gente tem que vir para a escola porque se não o pai vai preso.*

- *Eu não sei pra que serve a escola, acho que é pra aprender a ler e escrever.*

*Quando eu fizer quatorze anos não vou mais vir para a escola, vou ajudar meu pai.*

Preocupada com o que li, conversei com os alunos e procurei algumas colegas para compartilhar minha tristeza e sondar se em algum momento já tinham observado entre seus alunos essa forma de pensar. Para minha surpresa a única resposta que obtive foi de uma professora com o seguinte comentário:

- *Que bom que eles sabem disso.*

Nova frustração. Diante desses pensamentos de alunos e professoras me preocupei inicialmente com minha postura e minha prática em sala de aula. Passei a buscar, através de leituras, conversas com as famílias e equipe diretiva da escola uma forma de mudar esse pensamento dos alunos.

Não houve mudanças radicais, porém as que aconteceram foram significativas. Fomos ao longo do estágio e depois dele, buscando desenvolver um trabalho em conjunto. As dificuldades de aprendizagem vêm sendo superadas e temos prazer em nos encontrarmos diariamente em sala de aula. Hoje o índice

---

<sup>2</sup> Nesse trabalho, utilizarei a letra itálica para destacar os dados coletados ao longo do estágio.

<sup>3</sup> O objetivo de desenvolver o tema escola é levar o aluno a entender a escola como mais um espaço de sua vivência. Conhecer a história da escola e compreender que esta também fará parte de sua vida.

de faltas em nossas aulas é praticamente nulo, o que nos leva a ser elogiados por parte da equipe diretiva da escola.

Sinto enorme satisfação ao observar essas mudanças dentro de minha sala de aula com meus alunos, porém sei que não é o suficiente. A questão é bem mais ampla do que parece. Não observo mais no olhar dos alunos o carinho e o prazer que observava nos olhos de meu filho, as reuniões de pais acontecem sem a presença dos pais, os professores se sentem cansados e desmotivados.

Dentro e fora da escola é visível um clima de insatisfação. Muito se tem escrito e falado sobre a necessidade de mudanças na educação (FREIRE, 1967; CURY, 1978; ARROYO, 1979; GADOTTI, 1980; ZAGURY, 2006). Um clima de acusações se instaurou em nosso meio.

Para alguns a culpa é do sistema de ensino que atende a modismos relacionados a ideais políticos, da família que não tem tempo de acompanhar o desenvolvimento de seus filhos, dos professores que entram em sala de aula desmotivados ou dos alunos que não se interessam pelos estudos..Cada um pensa que o culpado desse mau funcionamento são sempre os outros, procuram um culpado e não uma solução.

O sistema de ensino vem ao longo da história buscando entre modismos, teorias e tendências as tão esperadas mudanças. Desde 1960, a educação no Brasil vem passando por sucessivas mudanças metodológicas, técnicas e estruturais cada uma delas apresentada como a mais apropriada para solucionar os problemas enfrentados pela educação. Mudanças nos métodos foram apresentadas a pais, professores,,alunos e especialistas como capazes de resolver os problemas básicos no ensino, como a escola ativa, construtivista e tecnicista, para citar apenas algumas das que conquistaram a simpatia e as esperanças de educadores (ZAGURY, 2006).

Como educadora e com um trabalho efetivo desde 1995, vejo que a família, envolvida pela correria do dia a dia e com a preocupação com o sustento, vem se distanciando da escola e dos filhos. Muitas vezes, a família exige que a escola se responsabilize por uma função que é sua, ou seja, acompanhar o desenvolvimento dessa criança sob todos os ângulos, cognitivo e emocional. Cabe na atualidade, aos professores, orientar seus alunos na aprendizagem, na saúde, no comportamento e na disciplina. Caso isso não aconteça, o aluno não consiga superar suas dificuldades, recai sob o professor toda a culpa. Também percebo que, muitas

vezes, para os alunos a escola é somente um espaço para aprender a ler e escrever. Os professores são considerados chatos e exigentes. Os conteúdos são, para os alunos, difíceis e inúteis para sua vida, pois não condizem com sua realidade. Já os professores por sua vez, acusados pelo alto índice de reprovação, pelos fracassos na educação, se defendem reclamando, até com certa razão, dos baixos salários, classes super lotadas, onde tem que atender a mais de trinta alunos, falta de material didático, etc.

Não tenho a pretensão de diagnosticar e solucionar todos os problemas aqui relacionados, ou indicar algum culpado. Mas pretendo levantar algumas questões relacionadas ao meu grupo de trabalho, os professores: qual é nossa função como educadoras, em busca de uma aprendizagem significativa<sup>4</sup> para nossos alunos? Para tanto, tenho como objetivo nesse trabalho analisar a função do educador na elaboração de uma aprendizagem significativa para os alunos.

Meu trabalho foi baseado em minha prática, experiências, relacionamento com a escola, professores, comunidade e estudos relacionados a metodologias, teorias e pensamentos de pesquisadores da educação como Freire (1997) Gadotti (2004), Libâneo (1992), Piaget (1972), Zagury (2006) entre outros que compartilham das mesmas ideias.

Esse estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, pois faço uso de um conjunto de técnicas interpretativas. De acordo com as características da pesquisa qualitativa, como pesquisadora, sou o principal instrumento utilizado, visto que muito de minha postura e forma de atuação em sala de aula foram alvo de reflexões (TRIVISINOS,1987). Os dados coletados são predominantemente relatados de forma descritiva, o significado que as pessoas dão as coisas, seus conceitos e suas vidas, foi meu maior foco de atenção. A análise dos dados coletados seguiu um processo indutivo. Essa investigação, qualitativa, caracteriza-se como um Estudo de Caso, pois visa a descoberta, a análise de uma situação específica. Mesmo partindo de pressupostos teóricos, mantenho-me atenta a novos elementos que vão surgindo (TRIVISINOS,1987). Busco dar ênfase a interpretação do contexto, vislumbrando a compreensão das situações apresentadas, relacionamentos, ações, comportamento e interação das pessoas envolvidas.

---

<sup>4</sup> A aprendizagem Significativa trata-se de um processo que permita ao aluno relacionar os conhecimentos construídos com os conhecimentos e experiências que já possui. Que lhe permita entrar em contato com situações concretas de sua vida fora da escola. Por fim que lhe possibilite transferir o que aprendeu na escola para outras situações de sua vida. ( MASETTO, 1996)

Preocupo-me em retratar a realidade de forma completa e profunda, fazendo uso de diferentes fontes de informação (relatos de sala de aula, entrevistas informais...), relatando minhas experiências vividas durante o estudo a fim de representar diferentes pontos de vista dentro de uma situação social.

No primeiro capítulo desse estudo, abordarei sobre o tema relacionado a função do professor na atualidade e no transcorrer da história da educação. No segundo capítulo abordo as propostas de mudanças apresentadas. Já no terceiro capítulo faço uma análise, relacionando as idéias desenvolvidas nos dois primeiros com a minha prática no estágio curricular no curso de Pedagogia Modalidade a Distância da UFRGS.

No capítulo quatro dou início a construção das reflexões finais, buscando esclarecer o que entendo por Aprendizagem Significativa para o aluno, e o papel do professor dentro do processo de construção da mesma. Nas considerações finais, busco responder a questão de pesquisa, discutindo a influência da relação do professor/aluno dentro dessa aprendizagem significativa.

## **1. A FUNÇÃO DO PROFESSOR**

### **1.1 A FUNÇÃO DO PROFESSOR DENTRO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

Como educadora há mais de 15 anos acredito que, ser professor nunca foi tarefa fácil, pois desde o princípio de sua história a função do educador é submetida a orientações de pessoas que nem sempre tem noção dessa prática, ou estão envolvidos com questões políticas ou sociais.

Hoje, porém, novos elementos tornaram o trabalho docente ainda mais difícil. Entendo que dentro da história da educação o professor desde os primórdios, quando ainda não recebia o título de professor, na pessoa dos jesuítas, já possuía a incumbência de domesticar e transferir conhecimentos para seus discípulos. Quando os jesuítas chegaram ao Brasil sua função já era, de domesticar os índios que aqui viviam, com a intenção de obter o controle de suas ações, a fim de evitar futuras revoltas (HANSEN, 2000).

Com o passar dos tempos, em meados do século XVII, contratos e acordos foram sendo firmados entre a igreja e governos, onde o objetivo principal era manter o poder centralizado e o domínio da massa popular. Quanto ao professor, continuaria dentro de sua posição inicial, repassar conhecimentos e disciplinar as crianças (CARDOSO, 2004).

E é verdade que é preciso assinalar que a constituição da infância e a formação de profissionais dedicados à sua educação são as duas faces da mesma moeda. Será nos colégios que se ensaiarão formas concretas de transmissão de conhecimentos e de modelação de comportamentos. (VARELA & ALVAREZ, 1992 p.78)

A escola constituía-se então um espaço onde as crianças, separadas dos adultos, seriam transformados em bons cristãos e ao mesmo tempo súditos submissos a autoridade do governo então no poder, no caso o rei. Iniciava-se um longo período de controle das ações do professor. Sua metodologia de trabalho era direcionada pelo poder político da época (CARDOSO, 2004).

Em 15 de outubro de 1827, data alusiva ao Dia do Professor, foi instituída no Brasil, pelo Imperador D. Pedro I, a 1ª Lei da Instrução Pública. Regulava carreira, salários, currículo e métodos para todo o Império. Propunha o Ensino Mútuo, onde o professor que até então era responsável por um único aluno, com aulas ministradas em suas residências, passava a ser responsável por um número maior de alunos.

Fazendo uso de monitores. Alunos em estágio mais avançado de aprendizagem que ensinavam outros alunos mais novos ou em estágio menos avançado. Os monitores eram escolhidos pelos mestres e eram responsáveis por um grupo de dez alunos. O aperfeiçoamento do professor era sem base teórica, relacionado exclusivamente a sua prática e de sua responsabilidade (Histórias e Memórias da Educação no Brasil, Volume II, 2004, p.35).

Após a promulgação do “Ato Adicional” de 1834, conjunto de mudanças que afetavam diretamente as Diretrizes da Constituição de 1824, a instrução primária passa a ser de responsabilidade das Províncias. Estas tendem a adotar para a formação de professores a criação de escolas normais. Os professores devem dominar os conteúdos que lhes caberiam transmitir as crianças. Excluindo ou deixando para plano secundário a preparação didático-pedagógica (TANURI, 2000, p.63).

Diante da ineficiência do ensino escolar, em meados do século XIX, surge o método Intuitivo, como “(...) um instrumento pedagógico capaz de reverter a situação” (VALDEMAR, 1998, p. 65). O método Intuitivo partia da idéia do desenvolvimento da capacidade de observação dos alunos. Novos materiais didáticos foram produzidos, entre eles: peças do mobiliário escolar, quadro negro, mapas e caixas diversas contendo peças de cores e formas diferenciadas, mapas entre outras, onde o aluno partiria da visão intuitiva á compreensão geral das coisas. Os professores passaram então a receber manuais destinados a orientar sua prática pedagógica (VALDEMAR, 1998).

A cada nova reforma implantada, procurava-se inovar com filosofias e modelos a imitar.

Após a 2ª guerra, fortaleceram-se as idéias liberais e o estado de direito, cujo debate passou a articular a questão da instrução pública como “direito de todos e dever do estado” questão que se faz presente até os dias de hoje, assim como a trajetória do profissional da educação direcionada e orientada por movimentos políticos e ideológicos (CARVALHO, 1989).

Diante da preocupação com a oferta de ensino gratuito a todos, aumentou significativamente o número de instituições de ensino. Conseqüentemente surgiu um problema e uma preocupação com a formação de professores para atuarem nessas escolas, assim como leis e decretos foram sendo criados para regulamentar a atuação desse profissional.

Durante essa trajetória o que foi conquistado de forma mais significativa e que vigoram até hoje, foram: as alterações da Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988, a Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e bases da educação nacional e o Fundeb, Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, que está em vigor desde janeiro de 2007 e se estenderá até 2020. Substituto do Fundef (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério).

A Constituição Federal de 1988, art.206, dispõe sobre a exigência de Plano de Carreira para o Magistério Público com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, como um dos requisitos a serem garantidos para a valorização dos profissionais da educação.

A Lei nº. 9394/96 dedica um capítulo aos profissionais da educação, art. 62, em que estão definidas as exigências referentes à formação, à habilitação e à valorização dos mesmos.

O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização do magistério – FUNDEB, estabelece que pelo menos 60% dos recursos anuais totais serão destinados ao pagamento da remuneração dos profissionais do magistério da educação básica em efetivo exercício na rede pública.

Convém observar que de 1988 até os dias de hoje mais de duas décadas se passaram e não se pode afirmar que as metas propostas foram totalmente alcançadas. Ainda encontramos profissionais da educação descontentes com a baixa remuneração salarial, falta de escolas, dificuldade para formação de docentes entre outras dificuldades.

## 2. PROPOSTA DE EDUCAÇÃO NA ATUALIDADE

A história da educação no Brasil deixa claro, em meu entendimento, que a função do professor foi pensada no sentido de domesticar e disciplinar as classes menos favorecidas. Já no caso dos mais nobres, a classe alta, prepará-los para manter-se no domínio das classes populares. Independente do que prevê a lei (Constituição Brasileira de 1988 e LDB 9394/96), como já citei no capítulo anterior, ainda temos uma longa caminhada até conquistarmos nossos direitos de fato.

A pedagogia, muitas vezes, foi associada à autoridade. Na pedagogia tradicional, o centro da atividade educacional era o professor, sua autoridade que não admitia contestação. Porém, essa autoridade vinha atrelada ao poder político, ou seja, também era submissa a uma autoridade maior, já que era direcionada pelo governo (GADOTTI, 2004).

Daí a contribuição inegável de Freire (1967,1971,1974,1976) e a necessidade de partir dele como um ponto de referência. A ele devemos o mérito de ser um dos primeiros a elaborar a transição para um pensamento pedagógico novo, ousado, crítico e radical.

Freire (1967) coloca a educação como a única possibilidade das massas populares desenvolverem o conceito de consciência crítica e participação na sociedade. Fazendo uso de uma prática voltada ao diálogo, partindo da realidade do educando, de suas experiências e conhecimentos, podemos construir um conhecimento novo, uma cultura voltada aos seus interesses e não a cultura das elites.

Nesse contexto, o papel do profissional da educação precisa ser repensado. A escola passa a ser vista como um lugar de encontro e de convivência entre educadores e educandos. Um grupo que se reúne e trabalha para que ocorram condições favoráveis ao desenvolvimento de diferentes áreas: cognitiva, afetivo-emocional, social e profissional (MASETTO, 1996).

Por desenvolvimento cognitivo entendo, a partir das ideias de Masetto (1996), construir novos conhecimentos e rever os que já se possui, relacionar e organizar informações, desenvolver a imaginação, a capacidade de pensar e de criar soluções. Já o desenvolvimento afetivo-emocional compreendo, entre outros aspectos, o crescente conhecimento de si mesmo. Isso significa abrir espaço para que se expressem e trabalhem diferentes emoções: alegria, sofrimento, atenção,

respeito, cooperação, competitividade, solidariedade entre outros. Ainda sob esse aspecto, é importante que a criança adquira segurança pessoal e se sinta valorizada, dentro de sua singularidade. Na área social é importante que o aluno desenvolva sua sociabilidade e comunicabilidade com os colegas, escola, professores e comunidade em geral.

No plano profissional Rodrigues (1985) afirma que é importante desenvolver o questionamento “(...) do processo e da relação de trabalho(...) enquanto forma de ação do homem na construção do mundo”( p.60).

Mas, como fica o papel do professor diante de tantas mudanças?

Snyders(1988) em *A alegria na escola* coloca:

É preciso reconhecer realmente que a escola é de início lugar de divergência entre as maneiras de ser; do professor aos alunos, desacordo de idade, de formação de gostos; corre-se o risco de que o professor esteja voltado para o passado, para um passado que o justifica enquanto que os alunos estão voltados para o futuro. (p.216).

Snyders (1988) chama a atenção para uma dificuldade enfrentada pelos professores ainda nos dias de hoje, a ligação muito forte com o ensino Tradicional, onde a transmissão de conhecimentos é priorizada e qualquer outro relacionamento deixado para segundo plano. Professor e aluno vivem em mundos diferentes, não havendo nada em comum entre eles.

Diante de tantas transformações, Freire e Gadotti(1998), entendem que o profissional da educação tem um papel eminentemente político a desempenhar, educando para a transformação da sociedade atual, tendo em vista uma educação igualitária e com qualidade para todos e para tanto devem assumir-se enquanto um profissional do humano, social e político, tomando partido e não sendo omissos, neutros, mas sim definindo para si de qual lado está, dos oprimidos ou contra eles.

Nessa perspectiva, entende-se que o povo, de posse desse saber mais elaborado poderá vir a ter condições de se proteger contra a exploração das classes dominantes se organizando para a construção de uma sociedade melhor, mais justa e igualitária, realmente democrática possível de participação de todos. Sendo assim, o profissional da educação assumirá seu papel político e social.

Atualmente não se pode apoiar somente em conteúdos, métodos, técnicas ou teses que apregoam que a educação não pode mudar enquanto não houver mudanças estruturais no sistema. Faz-se necessário acreditar como Gadotti(1998)

que, apesar da educação não poder sozinha transformar a sociedade em questão, nenhuma mudança estrutural pode acontecer sem a sua contribuição e participação do professor.

### 3. RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Desde 1960, como foi mencionado no capítulo anterior, a educação no Brasil passa por sucessivas mudanças metodológicas, técnicas e estruturais, de forma bem mais significativa.

Mizukami (1986), pedagoga que atua na área de Metodologia do Ensino da Universidade Federal de São Carlos no estado de São Paulo, resume em seu livro “Ensino: As Abordagens do Processo” cinco concepções diferentes a respeito do processo de ensino-aprendizagem: Abordagem Tradicional, Abordagem Comportamentalista, Abordagem Humanista, Abordagem Cognitivista e a Abordagem Sociocultural.

A Abordagem Tradicional enfatiza a transmissão de conceitos e a imitação dos modelos aprendidos. Os alunos são instruídos, ensinados pelo professor. Em termos gerais, é um ensino que se preocupa mais com a variedade e a quantidade de noções, conceitos e informações do que com a formação do pensamento reflexivo. A expressão oral do professor se destaca e cabe ao aluno a memorização do conteúdo verbalizado. Existe a preocupação com a sistematização dos conhecimentos apresentados de forma acabada. As tarefas são padronizadas.

Na Abordagem Comportamentalista é de responsabilidade do professor assegurar a aquisição do comportamento. Visa a obtenção de um determinado comportamento que deve ser mantido. Este é mantido por condicionantes tais como: elogios, notas, prêmios, reconhecimento do professor e colegas. Associado a promessas de diploma, vantagens na futura profissão, possibilidade de ascensão social e monetária, etc.

Dentro da Abordagem Humanista o ensino está centrado na pessoa, o que implica orientá-la para sua própria experiência para que, dessa forma possa estruturar-se e agir. A atitude básica a ser desenvolvida é a de confiança e de respeito ao aluno. A aprendizagem tem a qualidade de um envolvimento pessoal. A pessoa considerada em sua sensibilidade e sob o aspecto cognitivo, ela é incluída de fato na aprendizagem. Mesmo quando o primeiro impulso ou estímulo vem de fora, o sentido da descoberta, do alcançar e do compreender vem de dentro. É significativa e apresenta modificação no comportamento e nas atitudes. Além disso, é avaliada pelo educando. Esse sabe se está indo ao encontro de suas

necessidades, em direção ao que quer saber, se a aprendizagem responde as suas expectativas.

Na Abordagem Cognitivista o importante é como ocorrem a organização do conhecimento, o processamento das informações e os comportamentos relativos á tomada de decisões. As pessoas lidam com os estímulos do meio, sentem e resolvem problemas, adquirem conceitos e empregam símbolos verbais. A ênfase, pois, está na capacidade do aluno de integrar informações e processá-las. São priorizadas as atividades do sujeito. O ensino é baseado no ensaio e erro, na pesquisa, na investigação, na solução de problemas por parte do aluno e não na aprendizagem de fórmulas, nomenclaturas, definições, etc. Assim, a primeira tarefa da educação consiste em desenvolver o raciocínio. A aprendizagem só se realiza realmente quando o aluno elabora seu conhecimento. Isso porque conhecer um objeto é agir sobre ele e transformá-lo. Não existem currículos fixos. Antes são oferecidas às crianças situações desafiadoras, tais como: jogos, leituras, visitas, trabalhos em grupo, arte, oficinas, entre outras.

E, finalmente, a Abordagem Sociocultural: busca da superação da relação opressor-oprimido. A educação problematizadora busca o desenvolvimento da consciência crítica e da liberdade como meios de superar as contradições da educação tradicional.

Educador e educando são, portanto, sujeitos de um processo em que crescem juntos, porque "(...) ninguém educa ninguém, ninguém se educa. Os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo" (FREIRE, 1974, p.63)

Cada uma dessas abordagens foi apresentada aos docentes, em sua época, como a mais apropriada e adequada á ser aplicada em sala de aula, Colocando a escola e conseqüentemente o professor como elementos principais de uma transformação social.

Neidson Rodrigues (1988):

A escola tem por função preparar o indivíduo para o exercício da cidadania moderna, para a modernidade. Isto significa formar o homem capaz de conviver numa sociedade em que se cruzam interveniências e influencias mundiais da cultura, da política, da economia, da ciência e da técnica. (...) A escola é uma instituição social e, como tal, está inserida na história. Ela é uma instituição que sofre influência e influencia aquilo que acontece ao seu redor. Em outras palavras: a escola está inserida numa certa realidade da qual sofre e na qual exerce influência. Ela não é apenas o local onde se reproduzem os interesses, os valores, a cultura, a ideologia. Também pode influenciar a ideologia, os valores, a ciência, a política e a

cultura na sociedade em que está inserida (RODRIGUES, 1988, p.56).

Foram todas essas ideias e teorias sobre mudanças na educação e transformação social, que me levaram a repensar minha postura como educadora e observar com um olhar diferenciado minha sala de aula, minha escola e a comunidade no geral.

Décadas se passaram, avaliações periódicas são realizadas com o intuito de detectar o nível de aprendizagem de nossas crianças e adolescentes, no entanto o que se pode observar dentro das salas de aula e escolas é que as mudanças são muito poucas. Não se percebe relação mútua entre teoria e a prática.

Ao contrário, os índices de repetência, evasão escolar seguem em ordem crescente, apesar de as pesquisas (Saeb - Sistema Nacional de avaliação da Educação Básica, 2001 e 2003), muitas vezes, mostrarem o contrário. Vários programas foram criados com o intuito de incentivar e financiar uma educação de qualidade (Fundeb, Bolsa escola), assim como leis (Constituição Brasileira de 1988, LDB 9394/96 entre outras) que apoiam e obrigam a qualificação do professor. No entanto dentro de algumas de nossas escolas ainda pensamos e agimos de acordo com as idéias do passado. Quando me refiro a agirmos, dentro da terceira pessoas do plural, me refiro a professores, alunos, famílias, comunidade escolar no geral.

Quando decidi fazer o curso de Pedagogia, o fiz por mais de um motivo: inicialmente era realização de um sonho, concluir um curso superior dentro de minha área profissional; mas também buscar maior capacitação profissional, exigida agora por lei, e a conquista de todas as vantagens que a mesma venha a me oferecer. Cito esse fato por considerá-lo de suma importância para que se possa entender que nada acontece de um momento para outro, sem um repensar de nossas atitudes, ideias e postura, partindo do individual para o coletivo. O curso de Pedagogia teve papel fundamental para que dentro de minha carreira no magistério, construísse uma nova visão sobre a educação e sobre minha prática pedagógica.

Dentro dessa nova visão, passei a olhar a educação, minha escola e sala de aula com mais atenção e conseqüentemente me questionar: se nós professores somos tão importantes e elementos fundamentais na busca de educação de qualidade, e se essa tem papel fundamental na formação do cidadão, da sociedade, o que está acontecendo que décadas se passaram e as transformações foram tão poucas?

Como já disse, no início desse trabalho, não quero de forma alguma indicar algum culpado, mas compreender qual o nosso papel, professores, no baixo nível de desenvolvimento e progresso das mudanças esperadas na educação e o que nossa postura e prática pode influenciar de forma significativa na formação desses cidadãos que se espera, serem transformadores de nossa sociedade.

Como já citei anteriormente, agora realizando o estágio, dentro de uma prática pedagógica mais observadora, questionadora e atenta, não só aos conteúdos que deveria trabalhar dentro do currículo estabelecido pela escola, mas também aos conteúdos de interesse de meus alunos, fui surpreendida por algumas colocações dos mesmos quanto a seus conceitos sobre a função da escola em suas vidas. Como pode ser observado em um dos registros feito por uma aluna:

*A escola na minha vida*

*Na escola é para estudar aprende e também para saber ler e escrever e saber fazer continha. E tem que saber ter idade sabedoria e obedecer e não pode corre gritar não é para errar e para a professora ficar triste e não rodar de ano .para a professora não chingar.....*

Quando se pensa e quer mudanças e nos deparamos com um registro desses e demais comentários já registrados no capítulo anterior, se faz necessário parar e repensar nossos conceitos, prática e função da educação na vida do cidadão.

Se tratando de alunos de um terceiro ano (idade em torno dos oito ou nove anos), não se pode pensar que esse conceito foi construído a partir de pensamentos e concepções do ambiente familiar, pois já tem uma caminhada percorrida dentro do ambiente escolar, ou seja, também está embasada em suas experiências já vividas.

Quando questionados sobre a utilidade da leitura, da escrita e dos cálculos em suas vidas as respostas foram:

- Não sei.
- Pra não fica burro.
- Sei lá sora.
- Pra passa de ano.
- As continhas pra ninguém nos dá trote no troco.
- Pra arruma serviço.

Analisando cada conceito e respostas, e acreditando ser os mesmos o reflexo da cultura em que vivemos e da prática pedagógica utilizada, tentei identificar a qual concepção se enquadraria. A Tradicional aonde o aluno vem para a escola para

somente aprender a ler, escrever e fazer continhas, ficar em silêncio e obedecer, enquanto o professor vai repassando informações e este memorizando? Ou a Comportamentalista onde a aprendizagem está ligada ao comportamento, o aluno aprende para agradar alguém, família, professores entre outros, ou para ser gratificado no futuro, com salário, emprego? (MIZUKAMI, 1986)

Ainda sem resposta e insatisfeita com a situação observada em sala de aula procurei algumas colegas durante o intervalo para conversarmos a respeito. Minha intenção era de discutirmos a questão e juntas fazermos um trabalho com as demais turmas, buscando conhecer também seus conceitos referentes à nossa escola. Para minha surpresa constatei que também os professores são adeptos da ideia que os alunos vem para a escola para aprender a ler, escrever e fazer cálculos. E que, a cima de tudo devem obedecer e seguir rigorosamente as regras estabelecidas e não construídas. Entre os comentários os mais significativos foram:

- *Que bom que eles sabem disso.* Se referindo ao fato de obedecer e não deixar a professora triste.

Quando questionei o que achavam do fato dos alunos não saberem o que fazer com o que aprendem na escola, a resposta foi unânime:

- *Não sonha. Isto não é problema nosso. Quando saem daqui esquecem tudo que falamos.*

- *É um problema social. Não somos nós que vamos mudar.*

- *As famílias estão desestruturadas, querem que nos responsabilizemos pela educação, pela saúde e tudo mais.*

O diálogo foi muito mais além, o assunto que deveria ficar restrito as ideias e conceitos dos alunos, passou para queixas, remuneração, indisciplina, entre outros. Vários sentimentos vieram à tona naquele momento. Raiva, insatisfação, pena de si mesmo, dos alunos, cansaço, entre outros. Todos com opiniões diferentes, mas a maioria concordando que do jeito que está é o melhor para todos. Os que não concordavam acabavam se calando diante dos argumentos apresentados e de alguns exemplos de situações que aconteceram envolvendo ex-alunos.

Os professores que ali se encontravam eram de idades variadas, sexo, escolaridade (do magistério a nível superior) e tempo de serviço.

Nos dias que se seguiram procurei outros alunos e durante conversa informal fui perguntando o que fariam ao concluir a oitava série, para onde iriam e se teriam a

intenção de dar sequencia aos estudos. A maioria pretende parar de estudar. Entre os motivos:

- *Estudo porque sou obrigado..*
- *Não gosto de estudar.*
- *Quero trabalhar.*
- *Não vou continuar porque não tenho dinheiro para o transporte.*

Os que pretendem dar sequencia aos estudos pertencem a famílias com maior poder aquisitivo ou sofrem influencia dos pais. Alguns acreditam que o estudo é muito importante para a aquisição de um emprego no futuro, mas ainda não se definiram profissionalmente.

Quando questionados a respeito da escola, se gostam do ambiente escolar, das aulas as respostas foram:

- *A escola é legal, mas os professores são chatos.*
- *Não. Tá loco! Aqui não pode nada.*

Quando se fala em escola, ambiente escolar a grande maioria se sente preso a alguma regra, horário, uniforme ou problemas com os professores.

Retomamos aqui uma questão já citada anteriormente, Freire (1967), Cury (1978), Arroyo(1979), Gadotti(1980), Zagury(2006), nesse trabalho e por diversos autores, a insatisfação com os rumos da educação. Por um lado os alunos que de acordo com suas falas, vem para a escola porque são obrigados pelas famílias, porque o sistema exige, mas não tem bem certeza no que isto poderá lhes ajudar no futuro.

Entendo que não se pode atribuir ao professor a culpa ou responsabilidade dessa situação, no entanto, nesse contexto incerto, o papel do profissional da educação, pensando não só no educador, mas nos demais especialistas envolvidos na educação, precisa ser repensado. Para Gadotti (1998) o profissional da educação precisa ser desrespeitoso para questionar a realidade que a ele se apresenta, para então promover mudanças sociais.

Desrespeitar, no enfoque de Gadotti (1998), quer dizer que educadores e educadoras precisam constantemente repensar e reavaliar suas crenças sobre a representação que tem de educação, pois, de acordo com Freire (1967), que já proclamava desde os anos de 1960, a educação não é neutra. Ou se educa para o silencio, para a submissão, ou de dar a palavra, de não deixar calar as angústias e

as necessidades daqueles que estão sob a responsabilidade, mesmo que temporária, de educadores e educadoras nos âmbitos escolares.

Mas pelo que é possível analisar na fala dos alunos e professores, estamos educando para o silêncio, para a submissão, pois tudo está fora, isto é, “estudar para aprender fazer continhas”, “passar de ano”, entre outros citados. Logo, vemos que estamos diante de uma educação e de um papel de educador que está muito distante do que se espera, que é o de dar a palavra, buscar atender as necessidades dos alunos e comunidade escolar, uma educação questionadora, desafiadora, como muito bem nos coloca Freire (1997), não deixa calar as angústias, as dúvidas, as inquietudes...

Libâneo (1992) fala sobre a finalidade do Ensino Fundamental:

A finalidade geral do ensino de primeiro grau é estimular a assimilação ativa dos conhecimentos sistematizados, das capacidades, habilidades e atitudes necessárias a aprendizagem, tendo em vista a preparação para o prosseguimento dos estudos série a série, para o mundo do trabalho, para a família e para as demais exigências da vida social.

É também responsabilidade do ensino colocar os alunos em condições de continuarem estudando e aprendendo, durante toda a vida e inculcar valores e convicções democráticas, tais como respeito pelos companheiros, solidariedade, capacidade de participação em atividades coletivas, crenças nas possibilidades de transformação da sociedade. (...) A escola pela qual devemos lutar hoje visa o desenvolvimento científico e cultural do povo, preparando as crianças e jovens para a vida, para o trabalho, para a cidadania, através da educação geral, intelectual e profissional (p. 24).

À medida que a escola se organiza com atividades que desafiem o crescimento e o desenvolvimento nas várias dimensões do ser humano, ela se tornará algo interessante, vivo e dinâmico. Pode tornar-se um lugar de encontro agradável dos estudantes entre si e com os professores. Isto significa uma escola onde se respire envolvimento, interesse, motivação e trabalho. Logo, podemos dizer que esses são alguns dos aspectos do papel do professor na nossa atualidade.

Conquistaremos então a escola dos sonhos e que nos parece tão distante. Por enquanto, o que vejo é falta de envolvimento, como diria popularmente “um jogo de empurra-empurra”.

Por mais que seja difícil de aceitar, mudanças aconteceram. Vivemos em meio a transformações que acontecem diariamente. Em vista das tecnologias, da rapidez de acesso às informações, o que hoje é certo, amanhã poderá ser

questionável, e nós professores precisamos acompanhar e trazer para dentro das escolas essas mudanças e transformações<sup>5</sup>.

Quando vem para escola nossos alunos vem acompanhado de uma bagagem de conhecimentos construídos no lar e na comunidade que fazem parte. Até pouco tempo, o espaço de vivência da criança e do adolescente se restringia ao espaço físico de sua casa. A convivência ficava em torno da família, alguns parentes mais próximos e vizinhos quando o tinham, pois a população demográfica também era menor. A educação e disciplina eram de responsabilidade da mãe que ficava em casa, e o sustento, responsabilidade do pai que trabalhava fora. Hoje devido a todas as transformações que já aconteceram, alto custo de vida, concentração da população, avanço tecnológico, transformações sociais, entre outros, exigem a necessidade dessa família e conseqüentemente dessa criança de se adequar a esse novo espaço de vivência. Um espaço mais amplo, que oferece vantagens, mas também perigos, deixando-os mais vulneráveis e livres para experimentar outras formas de explorar o mundo que o rodeia. Cada um dentro de sua individualidade pessoal e de sua realidade (CARVALHO, 2009).

Essas diferenças individuais, uma diversidade não só relacionada à aprendizagem, mas quanto a postura e curiosidades dos alunos, foi uma questão que me inquietou durante a realização do estágio e mesmo no transcorrer do curso do Pead, em consequência dos conhecimentos que foram sendo construídos, e observados então durante minha prática.

Inquietação que me levou a buscar além de suporte teórico, estratégias que me levassem a aprimorar meu desempenho em sala de aula e conseqüentemente contribuir para a aprendizagem de meus alunos.

FREIRE (1997) coloca:

O aprendizado do ensinante ao ensinar não se dá necessariamente através da retificação que o aprendiz lhe faça de erros cometidos. O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer. Alguns desses caminhos e algumas dessas veredas, que a curiosidade às vezes quase virgem dos alunos percorre, estão grávidas de sugestões (p.19).

---

<sup>5</sup> Um fato ilustrativo das mudanças é o próprio curso PEAD, que inova com sua modalidade a distância e com suas discussões sobre o uso das novas tecnologias na educação (Programa de Educação a Distância).

Dentro desse pensamento entendo que antes da preocupação com o ensinar, como educadora, preciso estar atenta ao aprender. Necessito entender que o fato de ser professora não quer dizer que sei tudo, e sendo assim estar aberta a junto com meus alunos construir novos conhecimentos e repensar minha prática. Para tanto senti a necessidade de me aproximar também das famílias. Agendei algumas visitas e diante da negativa de outras, por falta de disponibilidade das mesmas, solicitei o comparecimento de algum responsável na escola para conversarmos.

Durante essas conversas, através das colocações de alguns familiares, pude confirmar o quanto as famílias ainda acreditam em uma educação segundo Freire (1997) dentro de uma concepção bancária, a qual pautasse na transmissão do conhecimento; na submissão do aluno ao professor; onde o professor é o detentor de todo o saber e deve transmiti-lo ao aluno e o aluno nada tem a ensinar ao professor. A função da escola é “ensinar os alunos a ler, escrever e fazer continhas” enquanto estes devem obedecer ao professor e ficar quietos durante as aulas, para no futuro serem alguém na vida. As colocações mais significativas foram:

- *O que houve professora? Fiquei preocupada o....está incomodando?*
- *O que houve professora? Estou com um pouquinho de pressa?*
- *Já avisei que ele vem para a escola pra estudar.*
- *Se incomodar, tira o recreio e pode por de castigo.*

Ficou muito claro que alguns pais e ou responsáveis dos alunos, a maioria, ainda acredita que a escola só os chama para fazer alguma reclamação de seu filho. E o que é mais preocupante, quando descobrem que não há nenhuma reclamação, ficam decepcionados ou, algumas vezes, demonstram certa falta de interesse pela conversa.

Ao explicar para uma mãe, que a tinha chamado para juntas encontrarmos um meio de auxiliar seu filho na prática da leitura e interpretação de seu filho, sua resposta foi imediata:

- *Mas eu não tenho tempo. De noite tenho que fazer janta, a gente trabalha no outro dia.*

Sugeri então que fizesse isso enquanto preparasse o jantar, pois bastava escutar enquanto o filho fosse lendo, ou pedisse para ler algo e depois lhe contasse. Ela sorriu e respondeu:

- *Mas é na hora da minha novela.*

Entendo sua colocação, e até o gosto pela novela, mas sinto uma falta de comprometimento de sua parte. Confirma-se o que foi citado anteriormente, a mudança nas prioridades da família, o trabalho e um pouco de lazer. A educação, a aprendizagem fica por conta, muitas vezes, apenas da escola.

O educador é o que sabe, os educandos, os que não sabem”; “o educador é o que pensa e os educandos os pensados”; o educador é o que diz a palavra e os educandos os que escutam docilmente”; “o educador é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.(FREIRE, 1997, p. 67)

Esta é uma das realidades que enfrentamos dentro das escolas, e como partes integrantes e fundamentais dessa instituição, pois em meu entendimento, se não existir os professores, não existirá escola, queiramos ou não temos que modificar.

Enquanto a escola, nós professores, reforçarmos a ideia, através de nossas ações que a escola tem a função de repassar conteúdos e informações pré-determinadas não alcançaremos as tão esperadas mudanças.

Alunos, pais, professores e todos os envolvidos na comunidade escolar devem participar ativamente do processo de aprendizagem, compreendendo que é uma aprendizagem significativa, quais as estratégias adequadas para alcançá-la e sua importância para o desenvolvimento e aprimoramento da sociedade. E principalmente ter consciência que independente de nossa vontade transformações ocorreram, o tempo não para e devemos viver dentro da realidade de cada um, dentro do nosso presente.

## **4. O INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DE REFLEXÕES FINAIS**

### **4.1 O ALUNO EM BUSCA DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA: UM DESAFIO PARA A ELABORAÇÃO DO PAPEL DO PROFESSOR**

Se o ser humano fosse total e exclusivamente determinado por suas características genéticas, não haveria necessidade de escola nem de educador. Mas sabemos que não é assim. É através da possibilidade de aprender que a criança, nesse caso o aluno, se desenvolve como ser humano e como cidadão.

Segundo Cunha (1999):

(...) o sujeito será sempre o resultado da “interação da informação hereditária com seu meio, de maneira que, como salienta Piaget, ao analisar o resultado da interação, não se pode atribuir importância menor nem ao sujeito nem ao meio, na sua constituição”, o que significa que a causalidade não pode ser atribuída a um deles apenas. ( p. 27)

Como foi possível estudar nas elaborações de Freire (1997) e Becker (1990), para que a aprendizagem aconteça, ela precisa ser significativa para o aluno, envolvendo-o como pessoa. Trata-se de um processo que permita ao aluno relacionar o que está construindo, seus conhecimentos, com as experiências que já possui. Que o incentivem a perguntar e apresentar questões que o envolvam. Além disso, que lhe permita entrar em contato com situações concretas de sua vida fora da escola. Por fim que lhe possibilite transferir o que aprendeu na escola para outras situações de sua vida.

Diante desta postura retomo a situação citada anteriormente sobre os conceitos dos alunos quanto á função da escola e sua postura como alunos. Será que é possível alcançar uma aprendizagem significativa quando os alunos não sentem prazer em freqüentar as aulas, sentem-se presos a regras, que nem sempre participaram da elaboração ou não entendem seu objetivo? Ou mesmo são obrigados a escutarem calados temas que não estão relacionados a sua curiosidade?

Quando falo em aprender, entendo: buscar informações, rever a própria experiência, construir conhecimentos, desenvolver habilidades, adaptar-se a mudanças, mudar comportamentos, descobrir o sentido das coisas, dos fatos, dos acontecimentos...Os verbos utilizados aqui priorizam o aluno, enquanto agente

principal e responsável por sua aprendizagem. As atividades estão centradas no aluno, em suas capacidades, condições e oportunidades.

Em contra partida, o significado de ensinar diz respeito a: instruir, fazer saber, comunicar conhecimentos, mostrar, guiar, orientar, dirigir, desenvolver habilidades.

Verbos que apontam para o professor enquanto agente principal e responsável pelo ensino. Neste sentido, o ensino centraliza-se no professor em suas qualidades e habilidades.

A escola e o professor trabalham com a aprendizagem do aluno num processo que não acaba nunca. Aprende-se e sempre. Aprender não é uma propriedade exclusiva do aluno. O professor também aprende.

Freire (1995) coloca essa ideia de forma bem clara:

(...) não existe *ensinar sem aprender* e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observado a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos. (p. 19)

Toda aprendizagem precisa ser embasada em um bom relacionamento entre os elementos que participam do processo, ou seja, aluno, professor, colegas de turma, diálogo, colaboração, participação, trabalhos e atividades em conjunto, respeito mútuo, etc.

O aluno constrói seus conhecimentos numa atitude de relacionamento e interação com os professores, com seus colegas de turma e com colegas de outras turmas. Às vezes pensamos que o aluno só aprende com o professor. Engano nosso, precisamos aprender a valorizar todos os participantes do processo estando ou não esses envolvidos com nossa turma ou grupo de alunos.

No processo de ensino aprendizagem, o aluno é o sujeito e construtor do processo. A aprendizagem significativa envolve sempre alguma mudança de comportamento ou de situação, e isto só acontece na mudança do aprendiz. Ela é estritamente pessoal.

## 4.2 O PAPEL DO PROFESSOR PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Como já vimos anteriormente inúmeros estudos e pesquisas já foram realizados com relação à Metodologia Educacional (FREIRE, 1997; ARROYO, 1979; LIBÂNEO, 1992; GADOTTI, 1980) buscando a mais apropriada para ser aplicada em sala de aula em favor de uma melhor aprendizagem.

Kupfer (2006) no livro “Freud e a Educação”, relata que Freud já tinha uma preocupação com o poder e influência que o mestre, no caso o professor, adquire sob seus alunos. Poder que pode ter conseqüências negativas ou positivas sobre esse aluno. De acordo com o pensamento de Freud, quando a criança vem para escola e passa a conviver com o professor, essa transfere para o professor parte de sentimentos de admiração, carinho, confiança que até então só tinha para com a família. Essa relação afetiva é tão forte que o professor passa a ser seu exemplo, seu mestre a ser seguido.

É comum encontrarmos alguém que fez sua opção profissional inspirado em alguma disciplina que freqüentou na escola. Pode estar relacionada a matemática, geografia, ou outra qualquer por ter adquirido grande afeição e admiração pelo professor. Assim como encontramos outros que detestam atividades relacionadas as mesmas disciplinas, matemática, geografia, história entre outras por ter passado por alguma situação que o levou a sentir certa antipatia pelo professor no período escolar.

Considero esta questão importante de ser lembrada, pois nos leva a refletir sobre esta transferência de laços afetivos, suas influencias e esse “poder” conquistado pelo professor.

Freud (2006) também preocupou-se com a ideia da dimensão que esse “Poder” pode alcançar. O maior problema encontrado por quem o conquista, é saber administrá-lo. Como lidar com o mesmo, usando-o de forma positiva, dando bons exemplos, de postura, atitudes que podem levar essas crianças a conquistarem seu espaço na sociedade instigando os mesmos a construir seus conhecimentos, ou de forma negativa. Exercendo esse poder para seu bem estar, para que seus próprios desejos se realizem, como por exemplo: Eu sou professora, tenho que dar minha aula, e para isso vocês devem ficar quietos, obedecer entre outros pensamentos que já citei anteriormente me referindo a alguns pensamentos

relatados de colegas durante a realização do estágio de conclusão do curso de pedagogia.

Zagury (2006), em uma de suas colocações a cerca da relação entre as dificuldades de aprendizagens dos educandos e a prática em sala de aula, refere-se “(...) ao afeto e o carinho dos professores como elementos imprescindíveis para que o aluno aprenda” (p.27), como sendo um “mito”, um conceito elaborado no transcorrer do processo de aprendizagem, valorizado pela imaginação popular, pela tradição e que deve ser desconsiderado.

Zagury (2006) acredita ser positivo esta relação de afeto e carinho, no entanto, não entende como fatores determinantes, por si só para a aprendizagem, pois induz a falsa idéia de que professor sério, introspectivo, que não expõe seus sentimentos, não pode ser bom professor.

Carl Rogers (1985), conhecido psicólogo norte-americano, assim entende a relação professor/aluno:

Sabemos (...) que a iniciação a aprendizagem não se baseia nas habilidades de ensinar de um líder, no seu conhecimento erudito do campo, no planejamento do currículo, no uso de subsídios audiovisuais, na programação do computador utilizado, nas palestras e aulas expositivas, na abundância de livros, embora tudo isso possa, uma vez ou outra, ser empregado como recurso importante. Não, a facilitação da aprendizagem significativa baseia-se em certas qualidades de comportamento que ocorrem no relacionamento pessoal entre o facilitador e o aprendiz. (p. 106)

A primeira dessas qualidades é a autenticidade. Ser uma pessoa real, apresentar-se tal como é, entrar em contato com o aluno sem ostentar aparência ou fachada, ser uma pessoa inteira, com convicções, sentimentos, enfim, não se submeter ao formalismo escolar. Algumas vezes nos apegamos a regras pré estabelecidas e nos esquecemos de escutar a voz do aluno, sua explicação, ignoramos que toda regra pode ter sua exceção. Uma segunda qualidade é de ter consideração aos sentimentos, opiniões do educando. É uma confiança básica, a convicção de que essa outra pessoa é fundamentalmente merecedora de crédito. Apreço pelo aluno como ser humano imperfeito, dotado de muitos sentimentos e muitas potencialidades. Uma pessoa que dentro de sua individualidade tem muito a contribuir para a aprendizagem do grupo, professor e alunos. Uma terceira é a compreensão empática, quando o professor tem habilidade para se colocar na “pele”

do aluno, compreender suas relações íntimas e permitir que se sinta compreendido por alguém sem que este o esteja julgando (ROGERS, 1985).

Entender e aceitar que o relacionamento afetivo é importante e que contribui na aprendizagem dos alunos é o primeiro passo a ser dado pelo professor para contribuir no sentido de alcançar uma aprendizagem significativa.

Freire (1997), em sua obra “Pedagogia da Autonomia” faz referência ao relacionamento afetivo colocando que “ Ensinar exige também querer bem aos educandos” (p.159). Isso não quer dizer que o professor seja obrigado a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa de fato, que o professor não deve temer expressar seus sentimentos. Assim como não será melhor ou pior professor se demonstrá-los. O que não pode permitir é que sua relação de afetividade interfira no cumprimento ético de seu dever de professor no exercício de sua autoridade, ou condicionar a avaliação do trabalho escolar de seu aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele.

Conforme Zagury(2006):

Ignorar que parte dos alunos – por razões sociais ou pessoais – não querem, não gostam de estudar, e muito menos se esforçar para aprender, é igualmente ignorar que o ser humano é múltiplo e que cada indivíduo é único e reage diversamente aos estímulos recebidos. E é também que muitas dessas variáveis não podem ser superadas unicamente pelo trabalho do professor, por melhor que ele seja e por mais que trabalhe bem e se esforce muito. (p. 35)

Concordo com a autora quando coloca que por razões sociais ou pessoais alguns alunos não querem ou não gostam de estudar. No entanto isto não lhes impede de mudar de idéia. Algumas causas sociais, tais como abandono em casa, falta de limites, fome, super proteção da família, problemas de saúde entre outros podem influenciar ou prejudicar a aprendizagem, mas jamais impedir que esta aconteça. São questões que podem e devem ser trabalhadas também a escola, como citei anteriormente não podemos os alienar as mudanças nem a realidade social em que vivemos.

Segundo a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994, *apud* Soler, 2005)

As escolas devem ajustar-se a todas as crianças, independente das suas condições físicas, sociais, lingüísticas ou outras. Nesse conceito deve incluir-se crianças com deficiências, superdotadas, crianças da rua ou crianças que trabalham, crianças de populações imigradas ou nômades, crianças de minorias lingüísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos. (p.77)

A Declaração de Salamanca é um importante documento internacional no âmbito da educação inclusiva e foi elaborado sobre os princípios, a política e a prática da educação para necessidades especiais. Todo aluno deve ser respeitado e valorizado pelas suas capacidades e necessidades individuais, confirmando a urgência de nos educadores e sociedade no geral reconhecer as diferenças e diversidade existente entre nos e dentro da escola.

Altafini ( 2007) descreve a importância do professor buscar identificar em suas aulas, quais as necessidades e capacidades de cada educando, sejam sociais, intelectuais ou físicas, e com isso procurar através de suas ações oportunizar momentos para que trabalhem sua autonomia, segurança e independência.

Freire (1997) nos orienta e aconselha a repensar nossa postura quando afirma: “Ensinar não é transferir conhecimentos, exige respeito a autonomia do educando, bom senso, humildade, tolerância, convicção de que a mudança é possível, alegria e esperança” (p.54-85)

O querer bem, a afetividade está ligada a alegria de estar desempenhando sua função. Alegria que contagia aos educandos gerando um clima de cumplicidade e respeito que contribuirá para uma aprendizagem mais prazerosa e significativa para todos os envolvidos no processo.

Quando o aluno percebe que pode participar das aulas, discutir e encontrar pistas e encaminhamentos para questões de sua vida e das pessoas que convivem com ele, quando sai da sala de aula com idéias e contribuições significativas para os problemas que são vividos lá fora, a sala de aula passará a ser considerada seu espaço de vida. Alcançará então uma aprendizagem significativa, estará pronto para transformar o mundo que lhe rodeia, sua realidade.

Acredito que quando os professores descobrirem que teorias, conteúdos, recursos e instrumentos são importantes para a aprendizagem, mas que o amor, o respeito e a sensibilidade são essenciais alcançaremos mudanças reais na educação e na sociedade.

Devemos amar nossa vida, nossa profissão e nossos educandos. Só assim seremos mais humanos e nossas aulas serão mais alegres, prazerosas e desafiadoras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história confirma que as mudanças na educação caminham a passos lentos. Muitos são os envolvidos e responsáveis por essas pequenas mudanças, porém poucos foram ou são professores. Leis, pareceres, documentos foram criados em prol de uma melhor qualidade na educação. Houve reestruturação de cargos, funções, direitos e deveres. No entanto o papel do professor e do aluno continuam iguais. Se pararmos para refletir sobre nossas atribuições corremos o risco de descobrir que tudo aquilo que almejamos que nossos alunos alcancem, autonomia, segurança, criticidade, justiça, entre outras habilidades, ainda não conquistamos como profissionais.

Ao contrário do que esperávamos nossos deveres, nossas atribuições e responsabilidades a cada década aumentam, enquanto nossos direitos, independente das leis, são mais difíceis de serem alcançados.

No entanto não podemos em momento algum esquecer que ser professora foi nossa opção profissional, e junto com ela adquirimos responsabilidades que não podemos nos omitir. Trabalhamos com seres humanos e necessitamos almejar um futuro melhor para cada um deles, e conseqüentemente uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

Freire (1997) dentro de toda sua sabedoria e pelo qual tenho grande admiração expressa em suas ideias, a necessidade do formando da carreira do magistério, desde o principio de sua experiência formadora, assumir-se como sujeito também da produção do saber. Da importância da consciência de que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para sua produção e construção.

Faz menção ao domínio dos saberes intelectuais, mas principalmente do domínio dos sentimentos relacionados a relação humana:

Ensinar exige segurança, generosidade, comprometimento, compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Exige saber escutar, disponibilidade para o diálogo, saber ouvir, alegria e esperança. (FREIRE, 1997, p. 102-159)

Acredito que antes de dominar os conteúdos, devemos buscar nosso próprio domínio, refletir sobre a educação que queremos e lutar por ela. Diante de mudanças de nossa postura como educadoras, contagiaremos nossos alunos e

comunidade no geral, e assim não só nossos alunos, mas também nós professores poderemos afirmar que alcançamos uma aprendizagem significativa.

Através das leituras realizadas, pesquisas sobre a história da educação, carreira do professor, observações feitas no transcorrer das aulas e conversações informais com a comunidade escolar, entendo que mais que qualquer outra pessoa envolvida no processo de aprendizagem, e independente de nossa vontade, o professor exerce papel fundamental.

De posse do “poder”, que não foi conquistado, mas atribuído pelas condições históricas da função do professor, encontramos, como educadores condições de influenciar significativamente na formação do cidadão, de nossos alunos, através da então conquista do respeito e admiração de cada um. Porém, é importante destacar que o respeito e a consideração são alcançados mediante relação de amizade, afeto, diálogo e troca entre ambos.

Cunha (1991) se refere a aula como lugar de interação entre pessoas, momento único de troca de influências. A relação professor-aluno é parte da educação e insubstituível na sua natureza. O aluno espera ser reconhecido como pessoa e valoriza no professor as qualidades que os ligam afetivamente. É dentro dessa relação que se sente instigado e livre para aprender, descobrir, construir seus conhecimentos.

De posse dos domínios citados por Freire (1997) nos capacitamos para desempenhar nosso papel, sendo esse de inquietar, desafiar, problematizar, instigar e criar possibilidades para que nossos alunos construam seus próprios conhecimentos. É importante que professores e alunos sintam-se sujeitos de suas próprias vidas, com capacidade de superar desafios e conviver dentro de condições favoráveis ou adversas, e serem capazes de superarem-se a cada dia, produzindo transformações.

## REFERENCIAS

ALTAFINI, Magda (org). **Ensinar na Diversidade: Um desafio de todos os educadores.** São Leopoldo: Estação Gráfica, 2007.

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Administração da educação, poder e participação.** Educação & Sociedade, São Paulo, n. 2, jan. 1979.

BECKER, Fernando. **Da ação à operação: o caminho da aprendizagem;** Jean Piaget e Paulo Freire. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1984. (no prelo) Saber ou ignorância: Piaget e a questão do conhecimento na escola pública. Psicologia - USP, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 77-87, 1990.

BRASIL, Constituição, 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil.** São Paulo: Atlas S.A. 2002.

CANDAU, Vera M. F. (org.). **A Didática em questão.** Petrópolis, Vozes, 1984.

CARDOSO, T. F. L. As aulas régias no Brasil. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**, vol. I: séculos XVI-XVIII. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 179-191.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a república.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

CUNHA, Gládis Franck da. **Interação e meio: a filtragem do mundo.** Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1999. Tese de Doutorado.

CUNHA, Maria I. **A relação Professor-aluno.** In: VEIGA, Ilma P.A (org). Repensando a Didática. 6. Ed.Campinas, Papirus, 1991.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ideologia e educação brasileira; católicos e liberais**. São Paulo, Cortez e Moraes, 1978.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

\_\_\_\_\_. **Professoras Sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1995.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder: introdução à pedagogia do conflito**. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Práxis**, 2ª Ed., São Paulo, Cortez, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**; São Paulo, Ática, 2004.

HANSEN, J. A. Ratio Studiorum e política católica ibérica no século XVII. In: VIDAL, D. G.; HILSDORF, M. L. S. (Orgs.). **Brasil 500 anos: Tópicos em História da Educação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 31-41.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a Educação: o mestre do impossível**. São Paulo, Scipione, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo, Cortez, 1992.

LDB, **Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Didática: a aula como centro**. São Paulo: FTD. 1996.

MIZUKAMI, Maria da G. N. **Ensino, as abordagens do processo**. São Paulo, EPU, 1986.

PIAGET, Jean. **Os estádios de desenvolvimento intelectual da criança e do adolescente**. In: LEITE, D. M. O desenvolvimento da criança. Atualidades Pedagógicas, col.109. São Paulo: EDUSP, 1972 a.

RODRIGUES, Neidson. **Por uma nova escola**. 2. Ed. São Paulo, Cortez, 1985.

\_\_\_\_\_. **Da mistificação da escola à escola necessária**. 2.ed. São Paulo, Cortez, 1988.

ROGERS Carl. **Liberdade de Aprender em nossa década**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

SNYDERS, Georges. **A alegria na escola**. São Paulo, Manole, 1988.

SOLER, Reinaldo. **Educação Física Inclusiva**. Em busca de uma escola plural. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

TANURI, L. M. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 61-88, mai./jun./jul./ago. 2000.

TRIVINOS, Augusto. **Introdução à Pesquisa em ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALDEMARIN, V. T. **O método intuitivo**: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In: SOUZA, R. F. de; VALDEMARIN, V. T.; ALMEIDA, J.S. de (orgs.). **O legado educacional do século XX**. Araraquara: UNESP - Faculdade de Ciências e Letras, 1998.

ZAGURY, Tânia. **O professor Refém**. Rio de Janeiro; Record, 2006.

